



VILA VERDE

AVENÇA

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

VISADO PELA CENSURA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José—BRAGA—Telef. 22654)

PROPRIEDADE:

Nossa Senhora do Alívio

DIRECTOR E EDITOR:

Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Padre Severino Pereira Fernandes
Telef. 92123—Residência Paroquial de Prado—Braga

Problemas da crise da Lavoura

XXIV

O mercado do milho prejudicado agrava a situação da Lavoura

A Corporação da Lavoura distribuiu à Imprensa o seguinte comunicado:

«Têm chegado à Corporação da Lavoura muitos protestos dos Grémios da Lavoura do Norte do País, motivados pela baixa verificada no mercado do milho, provocada pelo anúncio da importação de 20.000 toneladas deste cereal, exactamente no momento em que a produção precisa de vender a sua colheita.»

A Corporação da Lavoura deseja tornar público que não foi ouvida sobre a importação e que, se o tivesse sido, daria parecer desfavorável, pois entende ser a oportunidade, a mais prejudicial para a lavoura nordestina, dados os efeitos psicológicos que pode ter nos preços do milho que se estavam praticando no mercado.

O preço do milho é livre e a F. N. P. T. deve limitar-se a garantir um mínimo de produção e nunca a evitar que esse mínimo seja ultrapassado no mercado livre, pois, nesse caso, o preço que oferece não é mínimo mas máximo também, o que nunca estava na intenção do Governo.

Admite-se, como natural que, quando o preço do mercado excede o preço mínimo, pouco cereal corre aos celeiros da F. N. P. T., mas julga-se que isso não constitui um mal, mas um bem.

O ministro da Economia teve a bondade de informar que a

importação do estrangeiro se limitou a 12.000 toneladas e não a 20.000 com o objectivo de substituir importações que já estavam previstas e que não puderam ser realizadas das províncias ultramarinas, tendo o assunto sido apreciado em Conselho de Ministros para os assuntos económicos, e admitindo-se que o mercado não esteja ainda suficientemente abastecido para o conjunto da campanha de 1963-1964.

Não tem a Lavoura qualquer interesse, principalmente neste

momento, em que a F. N. P. T. seja fornecedora do milho, principalmente quando, ao fazê-lo, contraria nitidamente a evolução normal do mercado e prejudica, portanto, a produção.

A Corporação da Lavoura pretende com este comunicado impedir a especulação que se possa desenvolver no sentido da baixa de preços aproximando-se do preço orientador e lembra aos produtores a vantagem de não vender o seu milho a baixo preço, pelo menos, até que o mercado esteja suficientemente informado sobre as condições em que realmente se encontra.

Até aqui falou a Corporação da Lavoura. Contudo, apesar da muita consideração que temos por este mais alto órgão da Organização Corporativa da Lavoura e pelos seus dirigentes, estranhámos que tenham sido surpreendidos, como parece, por tal importação de milho. Não podemos crer que a operação fosse feita em segredo dos deuses.

(Continua na 4.ª página)

Banda Musical de Vila Verde

Já recommencaram os ensaios mais intensos da Banda Musical de Vila Verde com vistas ao ano artístico. O seu director artístico, maestro Manuel da Silva Pais, traçou o programa do ano. Cada vez melhor programa com peças de difícil execução e do maior valor, tocadas pelas melhores Bandas e mesmo Orquestras mundiais; execução o mais esmerada possível, o que só pode atingir-se com muito esforço.

Disse que era melhor acabar do que recuar no nome alcançado no ano findo. E para não diminuir de valor, é preciso mais aperfeiçoamento e valorização.

Cortejo de Oferendas

Magnífica jornada de caridade a favor da Misericórdia de Vila Verde

A mais de trezentos contos deve ascender o produto de todas as ofertas

O povo descreia. Já não confiava nos homens, a quem devia desconsiderações, injustiças. Ao princípio recusava-se a cooperar; mas agitou-se o sentimento da tradicional caridade; esqueceram-se os homens, as suas maldades ou vaidades, e o Cortejo de Oferendas conseguiu ser grandioso. Só a caridade de um povo intensamente cristão realizou mais este milagre.

Há crise nos meios rurais. Os produtos agrícolas não têm procura e os preços são baixos, não compensam as despesas progressivas das culturas.

A Lavoura do Concelho de Vila Verde, neste Cortejo de Oferendas fez como S. Martinho de Tours ao pobre, dá um pedaço da sua rota camisa.

E o Cortejo grandioso, expressivo, não de contentamento, de satisfação, de bem viver, mas dum povo crente, caritativo, que dá um pedaço de pão tirado à sua própria boca.

Foi no dia de Reis... e o povo

cantou, levando, como os magos, os seus presentes para os pobres, que lhe dizem ser o próprio Jesus Menino reclinado em palhinhas em Belém.

E mais um Cortejo de Oferendas se realizou, apesar de ter de vencer-se imensas dificuldades, filhas da falta de confiança, de unidade.

A sede do Concelho, galvanizada pelo entusiasmo de uma Comissão a que presidiu o Pároco, Rev. P.º Manuel Gonçalves Diogo, ganhou a camisola amarela com 38.000\$00

Entre outras entidades presentes, estiveram o senhor Governador Civil de Braga, o Comendador António Maria Santos da Cunha, a Câmara Municipal com o seu Presidente e alguns vereadores, Dr. Bernardo de Brito Ferreira, Provedor do Hospital, o Sr. Dr. Francisco António Gonçalves, Presidente da U. Nacional, o Rev. P.º Manuel Gonçalves Diogo, Drs. Manuel Belo, António Guimarães e António Ferreira.

S. Santidade o Papa Paulo VI

Peregrino aos Lugares Santos

Constituiu uma jornada inédita a viagem do Santo Padre à Palestina, percorrendo como peregrino os lugares por onde Jesus Cristo passou, onde fundou a sua Igreja e verteu o Seu Sangue por ela.

Em toda a parte, em Jerusalém, em Nazaré, em Belém, no Monte Tabor ou junto do lago Tiberíades, uma multidão vibrante aclama o Papa.

Momentos antes de embarcar disse o Papa: «No momento em que vamos confiar-nos aos caminhos do Céu, o nosso pensamento vai para todos os povos».

Quando chegou a Jerusalém, disse: «Desta terra única no mundo pela grandesa dos acontecimentos de que foi teatro a nossa humilde súplica eleva-se para Deus por todos os homens, crentes e não crentes».

Quando se dirigia para Nazaré: «Imploramos a bênção da reconciliação do homem com Deus e a concórdia profunda e verdadeira entre todos os homens e entre todos os povos».

Na gruta da anunciação, em Nazaré: «Bem-aventurados seremos se formados na doçura dos fortes soubermos renunciar à funesta força do ódio e da vingança e tivermos a prudência de preferirmos ao temor que inspiram as armas a generosidade do perdão, a aliança na liberdade e no trabalho a conquista pela bondade e pela paz».

O Santo Padre encontrou-se com Patriarca Ecuménico de Constantinopla, Atenágoras.

A ida do Santo Padre à Palestina e este encontro com Atenágoras marcam nova fase para unidade de todos os cristãos.

A despedir-se do Patriarca, o Santo Padre disse: «Não é um adeus que nós dizemos mas, se mo permitis, um «até à vista» apoiado na esperança de novos e úteis encontros».

(Continua na 4.ª página)

O Sr. Francisco Vieira

deixou o cargo de Presidente da Junta de Prado

Por seu pedido e devido aos muitos encargos profissionais, o Senhor Francisco Vieira que há treze anos era dinâmico Presidente da Junta de Freguesia de Prado, deixou esse cargo que tão honrosamente serviu.

Prado neste momento, sente-se no dever de publicamente manifestar-lhe o seu agradecimento pelo muito que fez a bem desta Vila nobilíssima que nem sempre lhe soube ser reconhecida.

Apesar dos poucos recursos com que pode contar uma Junta de Fre-

guesia, ele soube sacrificar-se pessoalmente pelo engrandecimento da terra com denodado bairrismo, conseguindo assim impôr-se como uma das pessoas mais influentes em todas as famílias da freguesia que viram sempre no Senhor Francisco Vieira o homem amigo e desinteressado ao serviço do bem comum.

Deixou atrás de si muitas realizações que dificilmente podemos enumerar. Se mais não fez foi porque não pôde. Mas ao partir deixa na

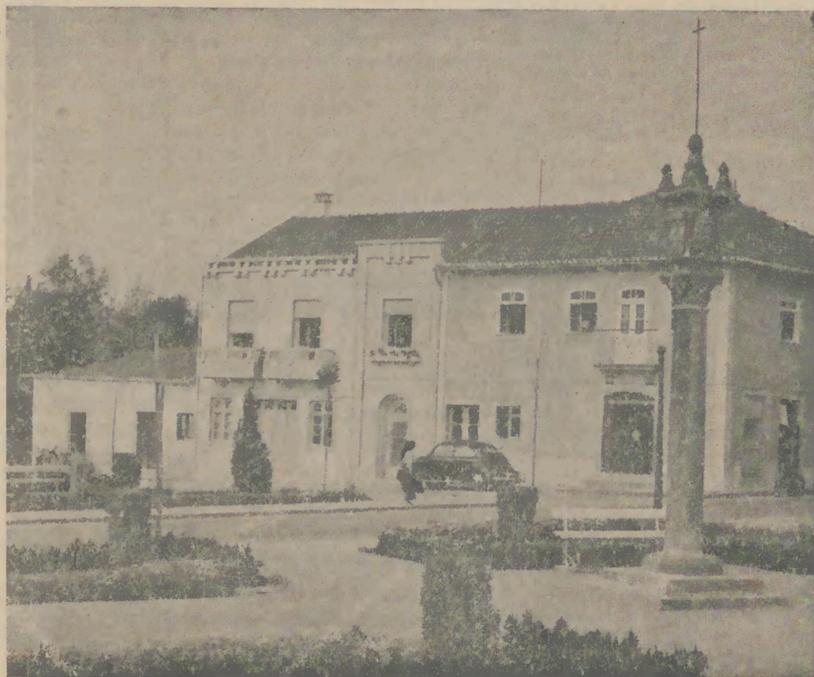
Câmara uma série de ofícios pedindo com insistência, o que Prado neste momento mais necessita e constitui legítimo anseio da freguesia.

Toda a freguesia lhe está reconhecida e quer, neste momento, recordar apenas três grandes realizações — sem falar de caminhos, de electricidade ou assistência social.

Referimo-nos ao Cemitério, ao Jardim do Largo Comendador Sousa

(Continua na 4.ª página)

A Vila de Prado agradece ao Presidente da Junta de Freguesia cessante, Francisco Vieira



Porque me ufano do meu País

(Conclusão)

Fiz a minha última viagem ao estrangeiro em 1934, ou seja há cerca de trianta anos. Estava ainda, então, distante, a deflagração da segunda Guerra Mundial mas não era preciso ser hierofante ou adivinho para haver a certeza de que ela estalaria a breve prazo, com há-de rebentar outra mais catástrofica, só Deus sabe quando. Ora, lançando o olhar sobre esses países que conheci outrora, o que vemos? Passados os Pirineus, aquela França que, na sua Exposição Colonial de 1931, mostrava orgulhosamente os pavilhões representativos dos múltiplos e extensos territórios que, então, dominava nas cinco partes do mundo encontra-se quase que só limitada à sua área europeia e embora continue, não obstante as capitulações de todos os géneros a que se tem sujeito, a ser uma nação rica e próspera deve essas regalias sobretudo a esse homem grande e grande Homem que a dirige o qual, mesmo assim, tem contra ele muitos, muitíssimos dos seus compatriotas que só ainda não lhe deram o fim que Ravallac deu a Henrique IV e o anarquista Caserio deu a Sadi Carnot porque o actual Chefe da França tem sido milagrosamente defendido, talvez pela Cruz de Lorena que tomou por símbolo e também pela armadura duma guarda pessoal ainda mais ceprada do que a que acompanhou a Gioconda de Paris à América e vice-versa, há pouco tempo.

Tendo deixado ir por água abaixo o seu império, enquanto o diabo esfrega um olho, já a França se preocupa com o seu problema demográfico pois se é certo que os franceses em geral se desinteressam da natalidade, os muitos estrangeiros que ali acorrem para desempenhar os serviços mais rudes e que vão acompanhados das suas famílias, não pensam do mesmo modo e, assim, há que contar com um cada vez maior aumento populacional, facto que não deixará de trazer futuras dificuldades àquela nação.

A bela Itália, frustradas como foram as suas aventuras imperialistas que começaram com D'Annunzio e culminaram com o Duce, empreendimentos demasiado teatraes para serem viáveis, está reduzida, geograficamente, à sua bota de cano alto e à jovem Bélgica, minúscula na Europa mas, até há pouco, grande em África, país onde, quando Portugal há cerca de quarenta anos andava pelas ruas da amargura, se criou e usava o neologismo «portugalizer» no sentido de destruir, anarquizar, está hoje reduzida a um tracto de terra apertado entre outros quatro estados e o Mar do Norte, área que em pouco excede a do nosso Alentejo e havendo ainda a considerar que os dois elementos que a integram, o flamengo e o valão, não se entendem muito bem, pelo que a unidade do simpático país não é de garantir.

Passando à Alemanha, nação que nenhuma outra conseguiu ultrapassar nas artes, na ciência e na técnica, vemo-la cortada em duas partes contra a vontade do seu povo, com uma barreira odiosa a separar pais de filhos, irmãos de irmãos, amigos de amigos, tudo por imposição dum vencedor despótico mas também por única culpa de uma ideologia pela qual aquele povo se deixou empolgar, ideologia maldita, causadora dos maiores horrores que a humanidade jamais conheceu!

E agora ocasião de me referir à Inglaterra de cuja tutela os seus vastíssimos domínios a pouco e pouco se foram libertando a ponto de Churchill dizer um dia: quando todas as manhãs pego no jornal é para me inteirar de que se perdeu mais uma parcela do império britânico! Sim, porque Sua Graciosa Magestade não é, já, mais do que a soberana honorária de toda essa hoje tão platónica comunidade que mais parece uma Associação de Socorros Mútuos em liquidação, a cujo presidente que teve sempre a parte de lião, não cabe agora mais do que o triste papel de sendeiro...

Também a Holanda, cujo povo, empreendedor e ousado, foi grande em terra e no mar, pois até chegou a empalmar-nos parte dos nossos territórios em África e no Brasil, depois de perder a sua possessão da Indonésia cinge-se presentemente, a uma pequenina parcela no setentrão euro-

peu, a viver dos frutos do seu egoísmo, aliás notável, entretendo-se com o cultivo das suas tulipas, com o encanto dos seus canais e na sua constante luta com o mar que, de vez em quando, em acessos de mau humor, destrói os diques que, porfiadamente, os descendentes dos batavos erguem para se defenderem de tão irritável e inconstante vizinho...

E' este o quadro das grandes transformações, melhor diria das grandes derrocadas que a última guerra produziu nesta velha Europa que, segundo a mitologia, tomou o nome daquela filha do rei da Fenícia que foi raptada por Júpiter metamorfoseado em touro mas que, como a História nos ensina, foi o berço da moderna civilização, nesta Europa que desde há dois milénios, primeiro com os helenos e os romanos e a seguir com os seus povos mais ocidentais, deteve nas suas mãos o ceptro do mundo, desbravando a África, descobrindo, colonizando e engrandecendo a América, dominando e tornando civilizada a selvática Oceania, nesta Europa que de «Mater et Magistra» se tornou em protegida, para não dizer vassala, de povos doutros continentes desde que por fraqueza, por erro ou por comodismo renunciou à missão que, historicamente, lhe cabia. Apenas no meio dessa espantosa e — porque não dizê-lo? — criminosa abdicação, houve um país, entre todos o mais fraco, o mais desprovido de recursos que não quis pactuar com os demais no aviltante procedimento, e esse país é o nosso!

Entre nós muita gente entende que, abrindo mão das suas possessões ultramarinas todas essas nações que acabo de citar, nada perderam, pois estão cada vez mais prósperas em confronto com o baixo nível de vida português. E' certo que a França, possuidora de adiantada técnica industrial e de um comércio que leva a toda a parte do globo os artigos pagos a peso de ouro dos seus costureiros, dos seus perfumistas e de mil bugingangas que a vaidade universal não pode dispensar; que tem condições únicas para o turismo já que nenhum civilizado que se preze pode esquivar-se a conhecer «Paris et ses plaisirs», cujo só e sub-solo servem à maravilha para todas as explorações, se encontra actualmente no auge da prosperidade e aquilo marcha «sur des roulettes» como eles dizem mas, meus amigos, o que será o «après De Gaulle»? A Itália que, só porque lhe acudiram há anos, não se ocultou atrás da cortina de ferro, não obstante ser a nação onde a Igreja tem a sua sede, está a deslizar, embora «molto piano» pela ladeira que leva ao Leste e já, segundo li, se receia, no Vaticano que o Papa volte a ficar prisioneiro dentro do seu minúsculo Estado. Também a Alemanha está rica mas qual novo Prometeu amarrado no Cáucaso do seu muro da vergonha, ela daria de bom grado, toda a sua riqueza, a qualquer novo Hercules que a livrasse do abutre oriental que a martiriza.

Não posso deixar de me referir novamente à Inglaterra que se guiou durante tantos séculos pela divisa: «Rule, Britannia!», ela que era tão austera, tão hierática, tão puritana, tão conservadora, desde o chapéu de côco dos seus «gentlemen» ao mal ciciado «shocking» das suas pudibundas «ladies» e que se entrega agora tão descaradamente à «dolce vita» com ministros e nobres misturados com reles prostitutas, com altos funcionários do Estado homo-sexuais, que confiam aos espias estrangeiros os segre-

dos militares da sua pátria, com assaltos e crimes de tal ordem que a «honorable» nação do passado parece-me agora muito doente e traz-me à ideia uns versos que há meio século li dum nosso poeta, por acaso também embirrento com a velha Albion e que eram assim:

Oh! Como é bela a noite. A branca lua
passa
Ostentando na frente a palidez devassa.
D'uma infeliz mulher.
Se a sífilis, então, chegou até aos astros
Façamo-los tomar antes que andem de
rastros,
Xarope de Gibert!

Parece-me que há portugueses, felizmente poucos, contrários à resolução de Portugal de defender, a todo o transe o que é seu e bem seu por essa África além, pois acham que o abandono ou cessão dos nossos territórios que os outros nos cubiçam, poderia render-nos grossa pecunia, enriquecendo a metrópole. Por estranho paradoxo os que assim pensam perfilham ou dizem perfilhar as mesmas convicções políticas daqueles que há perto de quarenta anos deciram intervir na primeira Grande Guerra e levar à chacina, na Flandres, muitos milhares dos nossos soldados, simplesmente para que Portugal pudesse ter assento à mesa da Conferência da Paz e defender a posse dos mesmos territórios ultramarinos agora em causa.

O' absurda contradição das coisas humanas! Porque havemos de invejar o alto nível de vida de outros povos quando esses facto não significa maior felicidade, mais paz e bem-estar? Tenho diante dos olhos um estudo recente sobre a vida na Dinamarca, onde se mostra que este país e também a Suécia têm o nível de vida mais elevado do mundo. Ali não há um pobre ou alguém carecido de auxílio de qualquer natureza e, no entanto, segundo o mesmo estudo, em nenhum outro país do mundo há tantos suicídios e divórcios nem o uso da morfina e de outros estupefacientes é tão grande como nesses dois paraísos terrestres...

Segundo um artigo de «A Vida Mundial» de 16 de Novembro findo «há cinquenta milhões de indivíduos que vivem na mais terrível miséria» na opulenta América do Norte, nessa nação onde fartos de tanta felicidade também os melhor instalados na vida procuram nos chamados tranquilizantes a tranquilidade final...

O mundo encontra-se num beco sem saída, numa situação trágica, porque em lugar de buscar a união entre os povos, a moderna civilização, criando nos últimos dez anos tantos novos países (E) quantos os que havia criado durante os dez séculos anteriores, tornou assim mais difícil senão impossível, qualquer entendimento produtivo. Há em Nova York um areópago que muitos dos nele participantes transformaram numa espécie de circo onde aos guinchos e aos berros com malabarismos e prestidigitacões, numa atmosfera de pandemónio e, perante a passividade ou o receio dos outros participantes, se encarnicam contra Portugal sob o pretexto cínico de que o nosso país é uma ameaça à paz quando sobre toda a terra portuguesa reina a mais absoluta tranquilidade e quando só desejamos que nos deixem trabalhar em socego.

Ao mesmo tempo esse desacreditado areópago, criado para promover a harmonia entre os povos e resolver pacificamente as suas questões, ignora ou finge ignorar que, bem ao contrário do que ocorre em Portugal por toda a América, por toda a África e por toda a Ásia há disputas sangrentas, injustiças clamorosas, questões gravíssimas que ninguém procura resolver.

Minha Pátria de que tanto agora me orgulho, meu Portugal, último abencerragem do Valor e da Honra, estou convencido de que justiça nos será feita e que a magna caterva dos que nos hostilizam acabará por nos deixar em paz mas se assim não for, se nos impuzerem a guerra, lutemos até ao fim, heroicamente, furiosamente, lembrando-nos das palavras de D. Sebastião em Alcácer Quibir: Morrer sim! Mas devagar!

A NOVA
SKYRITER
SMITH CORONA

C / Maleta de Luxo

A máquina portátil por excelência, vendida segundo o novo programa de prestações de 100\$00 mensais, sem entrega inicial.



DISTRIBUIDORES:

Araújo & Sobrinho, Suc.^{res}
LARGO DE S. DOMINGOS, 50 — TELEF. 29151
PORTO (8)

S. R.

Tribunal Judicial
de
VILA VERDE
Anúncio

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito nesta comarca primeira secção, correm éditos de trinta dias, contados da segunda a última publicação d este anúncio, citando JOSÉ ANTÓNIO ALVES, solteiro, maior, ausente em parte incerta de França e que teve o seu último domicílio conhecido no lugar de Revenda, freguesia de Travassós, desta comarca, para no prazo de oito dias, findos os dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito por Maria Laura Gonçalves Machado, solteira, maior, doméstica, desta vila, no processo de Habilitação, instaurado por apenso á execução sumária que moveu contra João Baptista Alves, viúvo, falecido e outros, e que consiste em o citando e outros se e e m julgados sucessores deste falecido réu, para, como seus representantes, com eles prosseguir os termos da causa.

Vila Verde, 7 de Dezembro de 1963.

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

O escrivão da 1.ª Secção,

a) — Manuel Augusto Monteiro da Silva

S. R.

Tribunal Judicial
de
VILA VERDE
Anúncio

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito nesta comarca, primeira secção, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio citando JOSÉ ANTÓNIO ALVES, solteiro, maior, ausente em parte incerta de França e que teve o seu último domicílio conhecido no lugar de Revenda, freguesia de Travassós, desta comarca, para no prazo de oito dias, findos os dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito por Gaspar Augusto Machado, solteiro, maior, proprietário, desta vila no processo de Habilitação instaurado por apenso á execução sumária que moveu contra João Baptista Alves, viúvo, falecido, e que consiste em o citando e outros serem julgados sucessores de falecido réu, para, como seus representantes, com eles prosseguir os termos da causa.

Vila Verde, 7 de Dezembro de 1963.

O Juiz de Direito,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

O escrivão da 1.ª Secção,

a) — Manuel Augusto Monteiro da Silva

EDITAL

Querobim Maria de Oliveira Lima Evangelista da Silva, Secretário de Finanças de 3.ª classe, servindo de Chefe da Repartição de Finanças do concelho de Vila Verde, faz saber:

Declarações de Rendas

1.º — Todos os proprietários de prédios urbanos arrendados, devem, nos termos do artigo 116.º do Código da Contribuição Predial e do Imposto sobre a Indústria Agrícola, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 45 104, de 1 de Julho de 1963, apresentar no mês de Janeiro, nesta Repartição de Finanças, a declaração respeitante aos prédios total ou parcialmente arrendados.

2.º — A declaração referida, deverão juntar, quando ajnda o não tenham feito, os contratos ou as certidões de escritura de arrendamento, ou os duplicados das declarações para pagamento do imposto do selo relativo aos contratos verbalmente celebrados. A declaração será assinada pelo contribuinte, seu representante legal ou mandatário, com a assinatura reconhecida pelo notário, salvo se for apresentada pelo próprio e este se identificar perante a Repartição de Finanças.

Prédios omissos na matriz e prédios construídos de novo, modificados ou melhorados

3.º — Nos termos dos artigos 213.º 214.º e seus §§, do mesmo Código todos os adquirentes, por qualquer título de prédios omissos na matriz ou de direitos e rendimentos desses prédios, são obrigados a declarar a omissão da Repartição de Finanças, no prazo de um ano, contado da data da transmissão salvo o disposto no n.º seguinte.

4.º — Em caso de construção, reconstrução, modificação ou melhoria de prédio urbano, deverá o facto ser declarado em impresso próprio e à venda na Tesouraria da Fazenda Pública, no mês imediato áquele em que tenha sido concedida a respectiva licença de utilização.

5.º — Se os prédios referidos forem ocupados para qualquer fim antes da licença concedida, ou se a sua ocupação não depender de nova licença, a declaração deve ser apresentada, consoante os os casos, no mês seguinte ao da actualização dos prédios ou da conclusão das obras.

6.º — Se qualquer fracção do território adquirir a qualidade de prédio rústico, deverá tal circunstância ser delarada no mês seguinte ao da sua utilização, pela forma referida no n.º 4.º, bem como nos casos de transformação de um prédio rústico em urbano ou de prédio urbano em prédio rústico.

Transmissão contratual de propriedade imobiliária

7.º — Nos termos do § único do art.º 229.º do referido Código, deverá o alheador solicitar até ao fim do mês seguinte ao do pagamento da sisa ou da celebração da escritura, conforme o caso, que a contribuição predial lhe seja liquidada e, se o prédio for urbano e tiver estado em regime de arrendamento, cumprir-lhe-á apresentar logo a declaração a que se refere o n.º 1.º deste edital.

Imposto sobre a Indústria Agrícola

8.º — Nos termos dos art.ºs 329.º, 333.º e 367.º e seu § 1.º do referido Código, todas as pessoas que tenham estabelecido explorações agrícolas, silvícolas ou pecuárias em prédios cujo rendimento colectável totalize mais de 25 contos, deverão apresentar, até 15 de Abril de cada ano, uma declaração do modelo aprovado e à venda na Tesouraria da Fazenda Pública. A esta declaração deverá o declarante, se tiver contabilidade, juntar cópia do balanço e da conta de resultados do exercício de ganhos e perdas, assinada por quem for responsável pela sua organização.

Para constar se lavrou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Repartição de Finanças de Vila Verde, 26 de Dezembro de 1963.

Pelo Chefe da Repartição

Querobim Maria de Oliveira Lima Evangelista da Silva

Animais — Aves — RAÇÕES

Preparam-se juntando aos cereais ou resíduos «CALCIO mais VITAMINAS E ANTI-BIÓTICOS», (Mais economia e eficiência).

Laboratório da Farmácia Pinho Guia - (Leiria)

Assinal e anunciai «O Vilaeverdense»

A. S. S.

O preço da energia eléctrica

Esteve aberta, em Lisboa, uma exposição: "O V. Salão de Artes Domésticas", muito visitado e apreciado, dedicado à Mulher Portuguesa, onde esta encontrava "as mais aliciantes sugestões e muito agradáveis conselhos para que cada casa tenha um ambiente acolhedor e elegante..

O pior é que essas sugestões e conselhos são à base de aparelhos eléctricos, os quais facilitam muito o trabalho da Dona de casa, mas que não podem ser usados no conselho de Vila Verde, por ser proibitivo o preço da energia eléctrica.

E, no entanto, já demonstramos que era fácil instituir o preço por escalão, como nos outros concelhos, e é por ser fácil que o Sr. Presidente da Câmara ou o Sr. Director dos Serviços Municipalizados, teimam em nada dizer.

Chamamos a atenção do Sr. Ministro da Economia para este assunto e pedimos que seja resolvido à base nacional, pois somos todos portugueses e todos contribuimos para as despesas da Nação, para a construção das

barragens hidro-eléctricas, que, segundo dizem, trabalham ao rebenti, por falta de escoamento de toda a energia que poderiam produzir. Entretanto, uma grande parte de portugueses não têm energia, e outros não a podem utilizar por ser demasiado caro o seu preço.

Segundo dizem os srs. Deputados na Assembleia Nacional e os jornais diários, o nosso atraso em relação aos outros países da Europa está a acentuar-se, em em parte porque a população portuguesa não pode usar a energia eléctrica com abundância.

Alguém disse, e muito bem, que a guerra de Angola se pode perder na Metrópole. E' que, se não dermos às populações rurais aquilo a que elas têm direito — estradas, água, electricidade, abono de família e assistência — podemos perder a guerra de Angola e a nossa posição no mun do terraque.

E' por isso que os revirralhistas dizem "Quanto pior melhor..". Será assim que pensa o Sr. Director dos Serviços Municipalizados?

Nobre Povo

Fogões de sala em tijolo

O proprietário deste estabelecimento participa aos Ex.^{mos} Clientes e amigos que tem em depósito, prontos a entregar, muitos e vários modelos a preços muito em conta

RUA DOUTOR ALVES VEIGA N.º 120
Telefone 25862 PORTO

A COMERCIAL DE PRADO

— DE —

Fernando Duarte Pedrosa

Agente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»
Azéites, Mercaria, Vinhos, Refrigirantes, Ferragens, edubos e Materiais de Construção

Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHEL.

Vila Verde TELEFONE, 92115 PRADO

Necrologia

José Maria da Costa

Na Sede do Concelho, na sua casa, no lugar do Monte de Cima, no dia 28 de Dezembro passado, ao cair da tarde, faleceu em Vila Verde, depois de uma curta doença, o senhor José Maria da Costa, de 71 anos de idade. Era escrivão de direito aposentado do Tribunal da Comarca de Vila Verde. Foi um funcionário que deixou bem vincada a sua passagem pela sua excepcional integridade e espírito de trabalho, com a preocupação de bem servir.

Exemplar chefe de família, enamorado dos mais altos sentimentos cristãos, sempre pronto a servir a sua paróquia nas obras católicas. Foi secretário fundador da Liga Eucarística dos homens em Vila Verde; sócio benemérito dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde e exerceu ainda o cargo de mesário da Misericórdia local.

Estava sempre pronto a ajudar os trabalhos escolares e paroquiais. Foi muito sentida a sua morte, porque gozava de muita consideração de todos os vilaverdenses.

Era casado com a senhora D. Maria Augusta da Costa, professora primária oficial e pai das senhoras D. Maria Amélia, D. Maria Alcina, D. Maria Fernanda, D. Maria Avelina, D. Maria Flora, D. Maria Cecília, D. Rosa Felismina e dos senhores Antonio, Alberto, João e Alfredo da Costa.

O seu funeral constituiu uma homenagem de muita estima e de reconhecimento público.

O Grupo Folclórico de Vila Verde

Esteve em Vila Verde, no dia 29 de Dezembro, o sr. Dr. Pedro Homem de Melo, que veio assistir a uma exibição especial do Grupo Folclórico de Vila Verde, para tirar fotografias e colher elementos para uma publicação que pretende fazer sobre os cantares e danças locais.

Isto demonstra o alto apreço em que é tido, nos meios de estudos folclóricos o Grupo Folclórico de Vila Verde, que, no último ano, colheu grandes louros em exhibições com os melhores.

Presépios do Natal

Seguindo a campanha dos presépios do Natal estiveram muito atraentes o da Igreja Paroquial e do Hospital da Misericórdia, na Sede do Concelho; sendo o primeiro feito pela A. C.

Emigrantes

que vêm passar as férias à terra

São muitos os nossos emigrantes para a França, onde estão a trabalhar, que vieram passar as férias à sua terra, no nosso Concelho. Assim, aproveitaram a ocasião de consoarem com as suas famílias e de fugirem ao frio que gela as regiões do norte de França.

Vêm muito satisfeitos, sãdios e bem refeitos economicamente.

"O Vilaverdense"

Encontra-se à venda

Em Prado: — Na residência paroquial onde se tratam todos os assuntos referentes à sua Administração e Redacção

Em Vila Verde: — Na Livraria Rainha.

Em Braga: — Na Livraria Central — Avenida Marechal Gomes da Costa

Edital

Querubim Maria de Oliveira Evangelista da Silva, Secretário de finanças de 3.ª classe, servindo de Chefe da Repartição de Finanças do concelho de Vila Verde, faz saber que:

Contribuição Industrial

Grupo A—Os contribuintes do grupo A devem comunicar dentro de 30 dias, a contar da admissão, à Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, os elementos de identificação do técnico de contas (arte.º 53.º do Código da Contribuição Industrial, aprovado pelo Decreto-lei n.º 45 103, de 1-7-1963). Durante o mês de Abril devem apresentar a declaração mod/2 quando não possuírem instalações comerciais ou representação permanente fora do continente ou ilhas, em conformidade com a alínea a) do art.º 4.º do novo Código da Contribuição Industrial.

Os que não possuírem instalações comerciais ou industriais ou representação permanente fora do continente ou ilhas deverão apresentar durante o mês de Julho a declaração modelo 2, nos termos da alínea b), do artigo 45.º do mesmo Código.

No caso de cessação os contribuintes devem apresentar a declaração modelo 2, em conformidade com o art.º 47.º.

Grupo B—Os contribuintes do grupo B, devem apresentar até 15 de Abril a declaração modelo 3, respeitante ao exercício do ano anterior (art.º 55.º). Os que desejem reclamar contra o rendimento fixado devem apresentar a reclamação de 1 a 15 de Julho, em conformidade com o art.º 73.º do Código. No caso de cessação devem apresentar, dentro de 15 dias, a declaração mod/3 (art.º 53.º).

Os contribuintes que apresentarem declarações de cessação podem reclamar dentro de 15 dias, a contar da notificação dos rendimentos, contra o rendimento fixado (art.º 73.º).

Grupo C—Os contribuintes do grupo C devem apresentar de 1 a 10 de Janeiro declaração mod/5, respeitante ao exercício do ano anterior (art.º 60.º).

Os contribuintes do grupo C que iniciarem a actividade no último trimestre do ano apresentam declaração mod/5, no segundo ano civil posterior. No caso de mudança de estabelecimento, alteração do número de empregados, máquinas ou veículos, ou no caso de aumento de renda superior a 20 %/o, taxa de ocupação ou salários, devem apresentar nova declaração mod/5 no prazo referido (art.º 61 e alíneas). Os que exercem actividades periódicas ou interpoladas devem renovar todos os anos a declaração mod/5 (§ único do art.º 61.º).

As reclamações contra o rendimento fixado devem ser apresentadas de 1 a 15 de Fevereiro em conformidade com o art.º 73.º.

No caso de cessação devem apresentar, dentro de 15 dias, a declaração modelo n.º 5 (art.º 62.º).

Os contribuintes que apresentem declarações de cessação podem reclamar contra o rendimento fixado, no prazo de 15 dias a contar da notificação dos rendimentos (art.º 73.º).

E para constar se lavrou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Repartição de Finanças do concelho de Vila Verde, 26 de Dezembro de 1963.

Pelo Chefe da Repartição,

Querubim Maria de Oliveira Lima
Evangelista da Silva

1885-1963



FINE MACIEIRA

A melhor aguardente (11)

Todos a conhecem. Não precisa de recomendação

R. Ivens, 45-47 LISBOA-2

Vende-se QUINTA DE SARRELA, lavradio vidonho com bravio, na freguesia da Lage, a 5 minutos da Estrada Nacional de Braga a Ponte de Lima. Informa César Lopes Ferraz — PRADO.

Fábrica de Bordados Regionais

DE **Maria Helena Dantas**

Variedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.

Jogos à americana: — Tabuleiros, sacas, guardanapos, etc.

Ainda um grande sortido em puchados e em perlé, e bordados regionais

LUGAR DA PONTE — Prado Telef 92147. BRAGA

Casa Claro

— DE —

Paulo de Sousa Claro

Fábrica de depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

Rua D. Diogo de Sousa, 100
TELEFONE, 22305 BRAGA

O melhor café e o



A Brasileira

— DE —

Mário Joaquim de Queirós & C.

TELEFONE, 22013 BRAGA

De Mós Vila de Prado

Falecimentos

Na pequenina, mas briosa freguesia de Mós, realizou-se mais uma "Feste das Colheitas", no passado dia 24 de Novembro que consistiu em os seus habitantes oferecerem à Igreja produtos derivados dos seus campos. E' grato dar um pequeno relato dessa jornada, visto que dada a sua pequenez e os seus oitenta fogos vinculou mais uma vez nobres sentimentos do seu povo. Esses sentimentos, esse brio, que já lhe são peculiares e talvez inatos, pois a freguesia de Mós foi, e é sempre uma das primeiras do concelho, na medida das suas possibilidades, em todas as obras e actos de caridade, de fé cristã e de altruísmo.

E' natural que tem de haver sempre quem avive e impulse tais sentimentos e o Rev. o Pároco desta freguesia P. José L. Ferreira é o credor da beleza espiritual e do resultado financeiro que nos foi dado e grato observar.

Desde manhã desse domingo, uma azafama desusada se notava, e, cerca das 13 horas convergiam em direcção ao espaço adre, como que por encanto, as suas mais variadas ofertas trazidas por graciosas raparigas esmeradamente vestidas e ricamente oiradas.

Principiado o desfile um grupo de lindas e simpáticas moçoilas exibiram canções ritimadas com o ondolar dos corpos e cadenciosas palmas alegóricas ao cortejo deram uma nota bem castiça deste povo minhoto.

Procedeu-se em seguida à bênção dos frutos pelo filho querido desta terra P. A. G. finda a qual fez uma pequena alocução que calou bem fundo em todos os corações.

Seguidamente procedeu-se ao leilão muito concorrido, que rendeu perto de 3.500\$00, quantia essa que fala por si, visto o meio ser pobre e a crise actual da lavoura ser graude.

Cumpr-me agora fazer um apelo às autoridades administrativas deste concelho para que as necessidades e as aspirações desta freguesia não sejam esquecidas, pois esta freguesia tem, sempre dado provas de amor patriótico e a consciência do dever cumprido do Governo da Nação.

Há nesta freguesia lugares sem água e outros ainda com fontes de chafurdo, caminhos intransitáveis e a maior parte da freguesia sem luz eléctrica, quando à sua volta tudo é luz.

E' justo e humano que cada qual receba e que lhe pertence; Nós, pequenino povo, temos direito ao menos a pequenos melhoramentos — C.

— Faleceu nesta freguesia o Senhor Tomás Pereira Lima que ficou sepultado no cemitério desta freguesia e em jazigo de família.

No dia 7 de Janeiro houve, por sua alma, obradório, Missa de 7.º dia e ofício solene. A Conferência Vicentina, de quem ele foi sócio, lavrou em acta um voto de pesar e fez distribuir em sufrágio da sua alma senha dobrada aos pobres socorridos.

À família Pereira Lima os nossos pêsames e que o Senhor o tenha no Descanso Eterno.

— Faleceu também o Senhor João Aparício de Oliveira, do lugar dos Eidos, Construtor Civil e pai do Senhor António da Silva Oliveira, também construtor civil. A sua morte inesperada foi muito sentida nesta paróquia e em todos os meios de trabalho da sua profissão onde grangeara imensas simpatias.

Porque também era pai da catequista Maria do Sameiro da Silva Oliveira, apareceram cerca de duas centenas de crianças com raminhos de flores que desfilaram com a bandeira da Catequese paroquial no préstito fúnebre que, juntamente com várias catequistas, rezaram por sua alma.

Pêsames à família enlutada.

Oleiros

Pela primeira vez nesta freguesia se realizou a festa do Menino Jesus. Após a novena preparatória sempre bem concorrida e as confissões que foram em número elevado, chegou, chegou enfim, o suspirado dia do Nascimento tendo havido nesse dia, de manhã, missa cantada, e de tarde, terço e sermão pregado pelo reverendo pároco da freguesia.

Está de parabéns a comissão da festa pois não se poupou a esforços para que ela resultasse brilhante e merecesse felicitações pelo lindo e significativo presépio que na Igreja fez.

— No passado dia um tomou posse a nova junta da freguesia. Tem como Presidente o Ex.^{mo} Sr. Augusto Gomes de Sousa, Secretário, José Maria da Cunha e Tesoureiro, José Gomes Cachetas.

Nela deposita o povo da freguesia, as melhores esperanças. Precisa de acordar as Ex.^{mas} Autoridades, para que a nossa terra não continue abandonada.

— Amanhã, primeira segunda-feira de Janeiro, é o dia da entrega da Cruz, ao novo mordomo que a conduzirá no dia de Páscoa. Esta cerimónia terá lugar da parte de tarde, reservando-se a manhã para as costumadas rezas.

Feita a entrega, o novo mordomo dará a Cruz a beijar a toda a gente e no fim em procissão se dirigem a sua casa onde se fará a distribuição "do pão quente.."

Este ano esperamos não falem os célebres pautas...

— A passar umas bem merecidas férias se encontram nesta terra alguns dos seus filhos por vezes ausentes em França. Uma outra figura grata e bem estimada por nós, cá se encontra o Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Gonçalves dos Santos a prestar os seus valiosos serviços, como delegado, na Vila da Feira. Uns já foram outros em breve partem... Que sejam bam felizes na vida. — C.

AS MAIS SELECIONADAS ARVORES DE FRUTO



As melhores sementes de flores e hortaliças.

As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos internacionais.

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos grátis

ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ºs, L.da

Rua D. Manuel II, n.º 55
PORTO
Telef. 21957 (6)
Teleg. Roselândia

CJC

L. J. Chambers

Portela de Penela
Vila Verde

Compro selos usados em quantidade ou envelopes com os selos colados. Sõmente interessam selos vulgares, nacionais, ultramarinos e estrangeiros.

